

De pedra a pétrea – Roustaing e o Espiritismo

Pedro Paulo Amorim*

Jean-Baptiste Roustaing, apesar da importância que possui em relação às questões ligadas à união do Movimento Espírita Brasileiro, conforme veremos na sequência deste trabalho, praticamente é um desconhecido da grande maioria dos membros desse mesmo movimento, a ponto de ser tomado, por antigos e novos adeptos da doutrina espírita, como um autor atual. Nasceu em 15 de outubro de 1805, em Sègles, França, a partir de 1830 ingressou na advocacia, o que lhe permitiu atuar entre os anos de 1848 e 1849 como “Bastonário” (presidente) da Ordem dos Advogados de Bordeaux (MARTINS, 1987:19). Em 1853, devido à grande divulgação na Europa, tomou conhecimento dos, assim chamados, fenômenos das “mesas girantes e dançantes”. Segundo o relato de Roustaing, no prefácio de sua obra, durante um período de convalescença, ele primeiramente leu “O Livro dos Espíritos”, depois “O Livro dos Médiuns” (ROUSTAING, 1952: 59 – 62). Já em abril de 1861 passou a frequentar as reuniões do grupo espírita do Senhor Sabò em Bordeaux (MARTINS, 1987:20). Em dezembro do mesmo ano, Roustaing foi apresentado à senhora Emillie Collignon, a médium que foi responsável pelo seu livro (MARTINS, 1987:24). Em maio de 1866, ficou pronta a primeira edição de “Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revelação, seguido dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas, assistido pelos apóstolos e Moisés”, recebido e coordenado por Jean-Baptiste Roustaing. Em 2 de janeiro de 1879, morreu após uma longa moléstia, em Bordeaux, aos 73 anos de idade (MARTINS, 1987:29 – 30).

Kardec, como de costume, fez alguns comentários na Revista Espírita¹ de junho de 1866 a respeito da obra de Roustaing. Comentários que deram origem à grande polêmica, anos depois, no Brasil. Podemos destacar dentre eles o que aponta sobre o desrespeito ao princípio da confirmação universal propalado por ele:

Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos,

¹ A Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - (La Revue Spirite - Journal d'Études Psychologiques) fundada em 1º de janeiro de 1858, por Allan Kardec, que a editou até sua morte, em 31 de março de 1869. Editada mensalmente é composta de 12 volumes, referentes aos anos de 1858 a 1869. (Nota do autor).

têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita (KARDEC, 2001:129).

A seguir, Kardec ponderou sobre a tese central do livro, ou seja, o corpo fluídico de Cristo ou docetismo², quando escreveu que

[...] dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um agêner. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar EM APARÊNCIA, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apóia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.[...] Sem prejudicá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea (KARDEC, 2001: 129 – 130).

Posteriormente, Kardec, no seu último livro “A Gênese”, condena em definitivo a concepção docetista como parte integrante da Doutrina Espírita, ao escrever que Jesus Cristo,

como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis (KARDEC, 1980:395).

O livro é composto de duas partes; na primeira, encontram-se as explicações “ditadas” pelos espíritos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos; e na segunda, os mandamentos explicados por Moisés e pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos, conforme explicações que encontramos na capa do livro em suas diversas edições. Diversamente da obra de Kardec “O Evangelho Segundo O Espiritismo”, na qual os ensinamentos morais do cristianismo eram comentados pelos espíritos e pelo próprio autor, a obra de Roustaing, uma exegese bíblica, dá novas interpretações a vários

² Docetismo (do grego [dokeō], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Conforme: FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

acontecimentos ligados à vida de Jesus Cristo (GIUMBELLI,1990: 75). Não demorou muito a chegada da obra de Roustaing ao Brasil, assinalada já em 1870 por Teles de Menezes³.

Como observamos na biografia de Roustaing, assinada por Jorge Martins e Stenio de Barros, a obra teve seu nome e função “ditados” pelos espíritos responsáveis pela obra em mensagem de maio de 1865:

Publica esta obra, a que darás o título de – Os Quatro Evangelhos, seguidos dos MANDAMENTOS EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos Mandamentos, por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos.

O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração. O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da vossa humanidade (MARTINS;BARROS,2005:399).

Não só o nome e função foram “revelados” pelos espíritos, mas também a sequência que deveria ter a obra e os seus futuros desdobramentos:

O que vais publicar será a primeira parte da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos (MARTINS;BARROS,2005:399).

Essa refutação, na qual encontramos pesadas críticas a Kardec, futuramente dará causa a grandes polêmicas quando de sua publicação, em parte encartada no livro de Roustaing, por seus adeptos, tanto na França quanto no Brasil (MARTINS;BARROS,2005:414), como será abordado mais adiante neste texto quando analisarmos os pontos polêmicos do Roustainguismo. A segunda parte, referente aos Atos dos Apóstolos, Epístolas e ao Apocalipse, nunca chegou a ser publicada (MARTINS;BARROS,2005:419).

Diversamente do que afirmava Kardec o Espiritismo seguiu seu caminho dividido em vários grupos e não como uma doutrina una. Na busca pelo entendimento das lutas intestinas do Espiritismo brasileiro, estudamos a obra de Pierre Bourdieu e suas definições a respeito do

³ Luís Olímpio Teles de Menezes (1825 – 1893), baiano de Salvador, professor das séries iniciais e latim, fundou o “Grupo Familiar do Espiritismo”, o primeiro agrupamento de Espíritas no Brasil, em setembro de 1865. Também foi o responsável pela fundação do primeiro periódico de cunho espírita do Brasil, em julho de 1869, “O Eco d’Além-Túmulo”, três meses após a morte de Kardec. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB. 1969. p. 563-580.

campo religioso, encontradas no livro “A Economia das Trocas Simbólicas”, compiladas na introdução por Sergio Miceli como

um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cuja demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As oposições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalecente de dominação (BOURDIEU; MICELI, 2001: XXL).

Para Bourdieu, a noção de campo é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo igualmente suas próprias regras de organização e de hierarquia (BOURDIEU; MICELI, 2001: 106 - 119). Assim, dentre os vários grupos que compunham o campo espírita brasileiro, lutando entre si pela hegemonia do movimento, o Roustainguismo pode ser enquadrado no denominado grupo dos “místicos”, junto com os kardecistas. Enquanto estes se apoiavam nos livros de Kardec e em suas teses, os roustainguistas elevaram o livro de Roustaing à mesma categoria de “O Livro dos Espíritos”, dando o mesmo valor doutrinário a ambos, além de endossarem todas as suas teses (ABREU, 1991: 81).

Com a morte de Kardec, em 31 de março de 1869, iniciou-se no seio do Espiritismo uma luta pela liderança do movimento na Europa, reproduzida também no Brasil, com divergências e competições pelo espólio moral do codificador (ABREU, 1991:29), ratificando a tese de Bourdieu sobre a tendência à apropriação do bem simbólico. Na tentativa de consolidar a liderança dentro do Movimento Espírita e efetuar sua união, vários grupos espíritas foram fundados no Rio de Janeiro na década de 1870 mormente pelos kardecistas visando ao estudo exclusivo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (ABREU, 1991: 32 - 33). Já nessa época, realizavam-se estudos no Brasil sobre “Os Quatro Evangelhos” (ABREU, 1991: 32 - 33); (AQUARONE,2004: 46 – 47, 80 – 81).

Durante o ano de 1879 a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”, fundada em 1876, desmembrou-se em diversos grupos, nesse ano a sociedade transforma-se em “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, de caráter eminentemente “científico” (MARTINS, 1987:40); (ABREU, 1991: 33 - 34); (AQUARONE,2004: 49). Os “místicos” oriundos da sociedade se reorganizam em março de 1880, invocando a liderança do espírito

Ismael, fundam a “Sociedade Espírita Fraternidade”. Porém, quatro meses depois ocorreu nova separação, quando Antônio Luiz Sayão⁴ fundou o “Grupo dos Humildes”, cujo programa era o estudo de “Os Quatro Evangelhos”. Posteriormente, em setembro de 1885, o grupo passa a se chamar “Grupo Ismael” ou “Grupo dos Estudos Evangélicos do Anjo Ismael”, mantendo o mesmo programa, sob a direção de Sayão e Bitencourt (MARTINS, 1987:40 – 43); (ABREU, 1991: 33 e 45). No interior da “Fraternidade”, onde o estudo de “O Evangelho Segundo Espiritismo”, de Kardec, era obrigatório, ocorreu a mais antiga divergência entre kardecistas e roustainguistas, quando estes, após fracassarem na tentativa de imporem suas teorias, abandonaram a sociedade e foram para o “Grupo do Anjo Ismael” (ABREU, 1991: 48).

Mas afinal, quais são as principais teses que dividiam e ainda dividem roustainguistas e kardecistas? Para os primeiros, as questões dizem respeito apenas à interpretação sobre alguns tópicos da doutrina Espírita; por outro lado, os segundos alegam serem pontos fundamentais, isto é, fundantes do Espiritismo e que tais interpretações aviltam de forma definitiva a doutrina.

Começamos, então, pela tese central do livro de Roustaing, o docetismo ou o corpo fluídico⁵ de Cristo. Conforme mencionamos anteriormente, de início Kardec aponta o docetismo como uma possibilidade não descartável, porém sujeita à confirmação posterior. Algum tempo depois, Kardec, no seu livro “A Gênese”, negou peremptoriamente tal questão (TOURINHO, 1999: 44). Diversos pontos polêmicos derivam diretamente da questão do corpo fluídico de Cristo e da não utilização, por este, de um corpo material. Inicialmente destacamos o desenvolvimento do corpo de Cristo quando do seu nascimento e o papel executado por sua mãe, nesse episódio, e a maneira pela qual encontramos o relato na obra de Roustaing:

Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluídos ambientes necessários constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de

⁴ Antônio Luiz Saião (1829 – 1903), advogado, foi um dos fundadores do Grupo dos Humildes, depois Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira, destacou-se como um dos grandes pioneiros do Espiritismo. Pertenceu ao Grupo Ismael e foi um Roustainguista declarado, sendo seu grande defensor. Conforme WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritos do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB, 1969. p. 139 - 168.

⁵ O homem é formado de três partes: (1) o corpo, que é análogo ao dos animais; (2) a alma, espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação; (3) o princípio intermediário, ou perispírito, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Portanto, a alma é revestida por este envoltório ou corpo fluídico, chamado perispírito. Este invólucro é retirado do fluido universal de cada globo pelo espírito que lhe dá a forma que deseja. Daí porque, passando de um mundo para outro, o espírito muda de envoltório, como mudamos de roupa. Conforme CARNEIRO, Victor Ribas. **ABC do Espiritismo**. Curitiba: FEP – Federação Espírita do Paraná, 1996. p. 71 – 75.

seus fluidos perispíricos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluídos do seu perispírito, uma irradiação simpática que atraiu os fluídos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus (ROUSTAING,1952: 161).

Outro aspecto que chama a nossa atenção no livro de Roustaing é referente ao parto de Maria mãe de Jesus Cristo: “Seu parto foi igualmente obra do Espírito Santo, porque também foi obra dos Espíritos do Senhor, e só se deu na aparência, tal como a gravidez...” (ROUSTAING,1952: 195). Ainda em decorrência do corpo fluídico, encontramos em relação à primeira infância de Jesus Cristo o seguinte:

Quando Maria, sendo Jesus na aparência pequenino, lhe dava o seio, o leite era desviado pelos espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo menino, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica que se exercia sobre Maria, inconsciente dela (ROUSTAING,1952: 243).

A atuação de Maria tanto na fase do nascimento quanto na primeira infância de Jesus nos faz perceber uma afinidade com a visão católica sobre a concepção de Jesus e a consequente virgindade de Maria. Além disso, esses pontos remetem a situações ligadas ao maravilhoso, ao milagroso, dado que derogam as leis naturais criadas por Deus, conforme o pensamento espírita, leis tais que o próprio Deus não contraria, ainda de acordo com a visão espírita. Assim, podemos verificar uma frontal oposição entre tais princípios roustainguistas e os espíritas em relação à existência ou não de milagres.

Além disso, há outra afirmação em “Os Quatro Evangelhos”, merecedora de destaque, pois também é capaz de promover grande controvérsia no interior do campo espírita, aquela que trata da encarnação de Jesus:

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é falível. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento (ROUSTAING,1952: 166).

Os kardecistas afirmam que o autor partiu do princípio da culpa, segundo o qual todo espírito encarnado já faliu, em consequência é culpado. Desse modo, uma vez que Jesus era

um espírito que nunca falira, consoante Roustaing, não seria necessário passar pelo processo reencarnatório, quebrando um dos principais postulados do Espiritismo, ou seja, a encarnação e a reencarnação, por meio das quais operam as leis da evolução e de causa e efeito (KARDEC, 1989:103). Além disso, o conceito segundo o qual somente espíritos culpados e decaídos animam os corpos é uma ideia católica, consequência da concepção do pecado original (TOURINHO,1999: 50), conceito em franca oposição ao entendimento espírita.

A FEB, por intermédio de seu presidente Juvanir Borges de Souza, em maio de 1994, nas páginas do “Reformador”, reitera sua posição oficial em relação à natureza do corpo de Cristo, ponto tão polêmico capaz de produzir grandes desdobramentos, como os observados anteriormente, e que segundo a FEB é uma questão secundária no interior da doutrina, todavia encarado de forma diversa por seus opositores, que o consideram raiz de grandes controvérsias relativamente aos fundamentos da doutrina espírita:

Assim a FEB procura pautar as suas atividades dentro dos princípios que a Doutrina Espírita oferece, reconhecendo o Evangelho como a expressão mais pura da lei de Deus, roteiro moral para toda a humanidade, e Jesus como o modelo e guia para todos os homens, independentemente das características do corpo por ele utilizado para conviver com os seres humanos. Isto porque, não se constituindo em ponto básico da Doutrina Espírita, a aceitação ou não das teorias que tratam deste assunto, dependentes ainda de comprovação que deverá ocorrer com a evolução da Humanidade, representa uma questão de foro íntimo de cada adepto, sem nenhum prejuízo para o estudo ou a prática da Doutrina (REFORMADOR, 1995:9).

O Espiritismo toma como princípio a atuação de leis naturais responsáveis pelo ordenamento do universo; leis emanadas do próprio Deus criador; conseqüentemente, assumem um caráter imutável e “erga omnes”, isto é, os seus efeitos atingem a todos os indivíduos indistintamente. Sendo assim, a lei do Progresso (KARDEC, 1980: 362 – 374), expressa em “O Livro dos Espíritos”, impõe-se a todos os espíritos que encarnaram ou irão encarnar em nosso planeta. Para o Espiritismo, Jesus constitui o mais perfeito modelo a ser seguido pelo homem, sendo a expressão mais bem acabada da lei de Deus, uma vez que ele é o mais puro de todos os espíritos que já apareceram sobre a Terra (KARDEC, 1980: 362 – 308). Como tal, Jesus encontra-se não só submetido à Lei do Progresso, que implica o desenvolvimento do espírito e também do corpo físico, mas também às leis que regem a reencarnação. Assim, como qualquer outro espírito, para reencarnar, Jesus necessitou de um corpo físico e de um perispírito, fundamentais para sua atuação em nosso planeta, pois

segundo a Doutrina Espírita o homem encarnado é composto de três partes: espírito, corpo e perispírito (KARDEC, 1980: 104). Portanto, Jesus como o maior representante de Deus na Terra, não poderia derrogar suas leis, dessa forma, possuiu as três partes necessárias a qualquer reencarnação, consoante os princípios espíritas. Como podemos ver, trata-se de uma questão doutrinária de suma importância para o Espiritismo, pois envolve aspectos fundamentais da doutrina (leis naturais, Lei do Progresso, reencarnação), não podendo ser encarada como secundária, a menos que se tenha em mente a tentativa de desqualificá-la a ponto de pôr a termo qualquer tipo de discussão sobre o tema, e assim poder dar continuidade aos postulados roustainguistas sem chocá-los com os princípios defendidos por Kardec.

Como mencionamos, a segunda edição brasileira do livro de Rousstaing de 1918 ou 1920⁶, produzida pela FEB, traduzida por Guillon Ribeiro, o qual no ano seguinte tornar-se-ia seu presidente, trouxe encartada uma série de severas críticas a Allan Kardec e ao seu comentário sobre Os Quatro Evangelhos de Rousstaing na “Revista Espírita”, de junho de 1866⁷. Essas mesmas críticas foram impressas mais uma vez na terceira edição de 1942, sendo suprimidas, sem explicações por parte da FEB, a partir da próxima edição datada de 1954. Entre as diversas críticas inseridas nesse encarte, destacamos a percepção de Rousstaing quanto à recepção de sua obra por parte de Kardec, considerando-a fria, além de insinuar que Kardec possuía pretensões à infalibilidade e ideias preconcebidas, como podemos notar no seguinte trecho:

Aplicando o nosso methodo de crítica ao artigo de Junho de 1867, ahí vamos encontrar tudo o que apresentámos á consideração dos leitores, a proposito da introduccção do Evangelho Segundo o Espiritismo. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infallibilidade. É a applicação do systema preconcebido a uma obra á qual se faz desde logo o mais bello enterro de primeira classe que se pudera desejar. Na França, em geral, pouco se lê. Os spíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O chefe, o mestre certamente applicou a sua contraprova universal aos tres volumes de J. -B. Rousstaing. Não podemos por conseguinte comprar nem lêr uma obra inútil (ROUSTAING, 1952: 50).

⁶ Em vários sites e publicações, encontramos como 1920 o ano da publicação da segunda edição de “Os Quatro Evangelhos de Rousstaing”; porém, ao visitarmos a Biblioteca Nacional, encontramos em seu acervo a segunda edição datada de 1918. (Nota do autor).

⁷ Estas críticas elaboradas por Rousstaing fazem parte originalmente de uma obra intitulada “Les Quatre Évangiles de J.-B. Rousstaing. Réponse à ses Critiques et à ses Adversaires. Édité par les élèves de J.-B. Rousstaing” (Os Quatro Evangelhos de J. B. Rousstaing. Resposta a seus críticos e seus adversários. Editada pelos alunos de J. B. Rousstaing), cujo original é constituído de 164 páginas. Inicialmente, foi publicada de forma compacta como prefácio da 2ª tiragem francesa de Os Quatro Evangelhos, em 1882, por seus discípulos quatro anos após sua morte. A obra completa foi publicada em brochura no ano de 1883 na França por J. Durand. No Brasil, foi impressa pela FEB com base na tradução da 2ª tiragem francesa de 1882, realizada por Guillon Ribeiro, o tradutor de Os Quatro Evangelhos para o português. Foi encartado nas edições da FEB, de 1918/1920 e 1942. Conforme MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Rousstaing**: Apóstolo do Espiritismo. Rio de Janeiro: CRBBM, 2005. p. 414. Também em: **O Missionário da Fé**. Disponível em: <http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/roustaing_mess.htm>. Acesso em: 22 out. 2007.

Verificamos, além disso, no referido encarte, a pretensão de Roustaing em fundar uma nova igreja universal:

A nossa obra se destina a crear a base e os fundamentos da igreja una e universal do Christo para a nova éra. Ella indica os modos e os meios da sua edificação, projectando um novo raio de luz acerca do conhecimento do Pae, do Deus creador, increado, immutavel, unico eterno, infinito, e do Filho, conhecimento esse dado aos homens em verdade, de maneira precisa (ROUSTAING,2002:72).

Além dos pontos elencados, podemos trazer à tona outro aspecto marcante dessa disputa travada no interior do campo espírita: a intensa luta pela cooptação de nomes importantes dentro da doutrina, por roustainguistas e kardecistas. Para melhor compreendermos tal fenômeno, recorreremos mais uma vez a Pierre Bourdieu, agora por meio do que ele chama de poder simbólico, concebido

como poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU,1918:14 – 15).

Desse modo, um dos maiores exemplos da disputa pela filiação de alguém portador de capital simbólico é o esforço em torno do nome de Bezerra de Menezes, conhecido nos meios espíritas como o “Allan Kardec brasileiro” e apontado, entre os espíritas, como um dos responsáveis pela configuração do Espiritismo nos dias atuais. Bezerra de Menezes foi presidente da FEB durante dois períodos, sendo o primeiro durante o ano de 1889 e o segundo de 1895 a 1900, ano de sua morte (GIUMBELLI, 1997: 123). Bezerra de Menezes é apontado como o maior responsável e batalhador pela união do Espiritismo brasileiro, tanto em vida como depois de sua morte, atuando como espírito, a ponto de ser atribuído a ele, pelos espíritas, grande parte dos esforços que resultaram na assinatura do Pacto Áureo. Quando Bezerra de Menezes assumiu a presidência da FEB pela segunda vez, incluiu em seus estatutos o estudo do livro de Roustaing (GIUMBELLI, 1997: 299);(MARTINS, 1987:49),

atitude considerada pelos roustainguistas como uma grande vitória e também como mais uma comprovação da adesão de Bezerra de Menezes aos postulados de Roustaing.

Por outro lado, alguns opositores do Roustainguismo afirmam que Bezerra de Menezes após sua morte, por intermédio da psicografia do médium Francisco Candido Xavier (LEWGOY, 2004: 11 – 28), o Chico Xavier, declarou seu erro ao endossar as teorias Roustainguistas na mensagem “Kardec e Vida”, na qual reafirma a importância de Kardec para a vida do homem em geral, ao dizer que

Jesus nos trouxe a verdade. Kardec, porém, nos trouxe a interpretação. Daí o nosso dever de comunicar Allan Kardec a todos os setores da vida individual e coletiva, razão pela qual nos reconhecemos na obrigação de reafirmar: Kardequizar é a legenda de agora (XAVIER, 1990: 30).

Para os opositores do Roustainguismo, o simples fato de não haver qualquer referência a Roustaing nessa mensagem psicografada por Chico Xavier constitui-se em “clara” evidência por parte do “espírito” de Bezerra de Menezes da retirada de seu apoio às proposições roustainguistas, constituindo assim uma evidente tentativa de associação desse bem simbólico às pretensões deste grupo.

Encontramos diversos sítios na internet e alguns livros com opiniões a respeito da posição de Bezerra de Menezes, os quais afirmam possuir “mensagens” de seu espírito “afirmando” ser a favor e outros tantos contra⁸.

Da mesma maneira, verificamos lutas em torno dos nomes de Kardec e Roustaing. Em um dos mais importantes livros editados pela FEB e apontado no meio espírita como um marco da literatura espírita, o já mencionado “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, citado nominalmente no “Pacto Áureo”, encontramos a seguinte passagem referente à Roustaing e seu papel junto a Kardec:

Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que

⁸ Sobre este assunto ver os seguintes sítios: **Homenagens ao Dr. Bezerra de Menezes**. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat715.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2006.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti. Disponível em: <<http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=979>>. Acesso em: 22 dez. 2006.

A Opinião de Dr. Bezerra de Menezes, depois de desencarnado, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”. Disponível em: <<http://www.casarecupbenbm.org.br/museu5.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2006.

efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos (XAVIER, 1998: 124 – 125).

A respeito da passagem descrita, sobre a colaboração de Roustaing nos trabalhos dirigidos por Kardec, encontramos no meio espírita intenso debate a respeito da possibilidade de interpolação ou não dele, por parte da FEB, nessa obra psicografada por Chico Xavier. Rumores a esse respeito são encontrados desde o início da década de 1940, refletindo assim o caloroso debate em torno das questões roustainguistas no campo espírita brasileiro, responsável por interpretações polêmicas de ambos os lados⁹.

De acordo com o pensamento de Bourdieu, a FEB, como detentora de uma maior acumulação simbólica em relação ao Espiritismo (ou detentora de um projeto nesse sentido), não abrindo mão da leitura de Roustaing, levou ao aparecimento de um campo tensional no qual opiniões prós e contras acabam “sustentadas” por “manifestações mediúnicas”.

Um exemplo de opinião contrária ao Roustainguismo, “sustentada mediunicamente”, é o livro “Páginas de Além Túmulo”, do médium Carlos Gomes dos Santos, de 1939, sob o título “Gutta cavat lapidem... (Uma confissão)”¹⁰. Encontramos a seguinte passagem datada de 1921, a qual o autor atesta ser de autoria do espírito de Roustaing; nela, este afirma ter sido vítima de mistificação quando da realização do seu livro “Os Quatro Evangelhos”:

*Pensei – de mim para mim – por que sómente a elle (Kardec) lhe foi concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o veu negro que esconde o brilho da Luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de bôa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?
E nestas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circumstancia toda espiritual, fui induzido á execução do plano que em mim agazalhava. Então, comecei por realizar o meu intuito, sim o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro á face da verdade, que eu nada mais era, naquelles instantes, que instrumento dos inimigos invisiveis da verdade, que, das sombras mysteriosas do Além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fôra isto possível, a brilhantura da agua crystalina que manava daquella fonte maravilhosa de que vos fallei. Sim, não vos admireis – repito – que tenha servido de vehiculados da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares (SANTOS, 1939: 55).*

⁹A respeito dessa polêmica, podemos ver em: SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995. p. 74 – 94; ou PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne**: 2 análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973. p. 61 - 62.

¹⁰ Uma tradução livre: “A gota cava a pedra” ou “A água cava a pedra” ou ainda “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

A mesma tentativa de aliar Roustaing a outros expoentes do Espiritismo brasileiro dotados de capital simbólico e também, por outro lado, a desvinculação destes com o Roustainguismo aparecem em inúmeras oportunidades, envolvendo nomes como Chico Xavier e Ewerton Quadros.

Questões de ordem doutrinária atuam sempre de forma catalisadora em relação a divergências e desuniões dentro do campo espírita; por conseguinte, sempre causam grandes obstáculos a quaisquer tentativas de unificação. Assim sendo, como bem sabemos, mesmo após a assinatura do Pacto Áureo, a FEB mantinha, e ainda o faz, em seus estatutos a obrigatoriedade do estudo da obra de Roustaing. As questões básicas da divergência entre kardecistas e roustainguistas passaram ao largo na efetivação e consolidação do pacto, não sendo nele mencionadas (PIRES; ABREU FILHO, 1973: 61 – 62). O que encontramos nesse contexto de unificação do Espiritismo brasileiro é o silêncio, forma adotada pela FEB em busca da união e da manutenção de sua hegemonia.

Em relação às questões enfrentadas pela FEB acerca da sua adesão ou não aos postulados roustainguistas, verificamos a existência de períodos de apoio explícito às teses de Roustaing e outros de total silêncio, não sendo encontrado até o momento nenhuma negação de forma peremptória. Inicialmente podemos apontar o seu apoio explícito, quando Bezerra de Menezes, em seu segundo mandato à frente da FEB (1895), incluiu o estudo de “Os Quatro Evangelhos” nos seus estatutos (GIUMBELLI, 1997: 299); (MARTINS, 1987:49). Tal fato aparentemente sem grande implicação teórica para o Espiritismo possui grandes desdobramentos, pois deu a mesma importância às obras de Kardec e de Roustaing no que concerne ao estudo e à difusão do Espiritismo, uma vez que são os únicos livros citados nominalmente no estatuto¹¹. Desde sua inclusão até os dias de hoje, apenas durante o período que compreende os anos de 1902 a 1917, não constou a obrigatoriedade do estudo nos estatutos da FEB (MARTINS, 1987: 53 - 54).

Outro fato que demonstra a adesão incontestada da FEB foi a publicação, ainda sobre o comando de Bezerra de Menezes, nas páginas do Reformador da obra de Roustaing a partir de janeiro de 1898, até as proximidades do lançamento da primeira edição encadernada em 1909. A publicação da obra no Reformador foi interrompida tão somente em virtude da proximidade

¹¹ Estatuto da Federação Espírita Brasileira e MARTINS. Op. Cit. p. 49.

do lançamento dessa primeira edição, conforme informa o Reformador, de 1º de fevereiro de 1908 (GIUMBELLI, 1997: 300); (MARTINS; BARROS, 2005: 562).

A inclusão das críticas contundentes de Roustaing a Kardec na segunda edição brasileira (1918/1920), conforme vimos, soma-se ao rol das atitudes pró Roustaing adotadas pela FEB.

As sucessivas edições de “Os Quatro Evangelhos” elaboradas pela FEB constituem mais um indício do posicionamento positivo da federação em relação à obra que somente ela editou no Brasil. Desde a primeira edição em 1909 até hoje foram nove edições, sendo a última de 1999.

Somam-se a esses outros indícios do posicionamento da FEB as propagandas encontradas de modo esporádicos no Reformador, como podemos observar:

*Nestes livros você vai encontrar a mais completa interpretação dos Evangelhos, capítulo a capítulo, versículo a versículo, e a explicação clara e racional sobre a pureza do Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo; o corpo de que Ele se serviu; a Virgem Maria; a evolução dos mundos espirituais; a evolução em linha reta; a origem do Espírito; a primeira encarnação dos espíritos; o porquê da reencarnação*¹².

Durante muitos anos, a divisa “o corpo de Jesus não interessa, o que interessa é o seu espírito” serviu para aplacar as diferenças em torno da questão envolvendo a natureza do corpo de Jesus Cristo. O “Pacto Áureo” colocou no ostracismo a questão, quase a sepultando definitivamente (PIRES; ABREU FILHO, 1973: 5). A quarta edição da obra de Roustaing em português, editada pela FEB, surgiu em 1954, cinco anos após a assinatura do pacto, e a quinta edição somente em 1971, praticamente duas décadas de intervalo entre as duas. Esse hiato corrobora a ideia do “grande silêncio” e do esquecimento defendida por José Herculano Pires¹³.

Mas, em fins de 1971 e princípios de 1972, a própria FEB se incumbiu de interromper o silêncio, iniciando pelo Reformador uma campanha de “renascimento” do Roustainguismo, lançando também uma nova edição da quase esquecida obra mediúnica¹⁴ “Os Quatro

¹² Reformador, Rio de Janeiro, n. 1962, p. 4, set. 1992.; Reformador. Rio de Janeiro, n. 1983, p. 4, jun. 1994.

¹³ José Herculano Pires (1914 – 1979) graduado em filosofia pela USP foi repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos Diários Associados, tendo exercido essas funções por cerca de trinta anos, publicou uma tese existencial: O Ser e a Serenidade. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo. Conforme RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires: O apóstolo de Kardec**. São Paulo: Editora Paideia, 2001.

¹⁴ Livro ou texto escrito por médium ditado por espíritos desencarnados (mortos). (Nota do autor).

Evangelhos”. Verificou-se então um fato curioso: as novas gerações de espíritas foram surpreendidas pela "novidade" roustainguista, o que mostra como fora longo o silêncio sobre o assunto. E alguns pequenos grupos entusiasmados com a "novidade" apareceram aqui e ali, agitando de novo o Movimento Espírita (PIRES; ABREU FILHO, 1973: 5).

No livro “Para entender Roustaing”, impresso em comemoração ao bicentenário de nascimento de Roustaing (2005), de Luciano dos Anjos¹⁵, autor reconhecido nos meios espíritas como um dos maiores defensores da obra de Roustaing, encontramos, em seu final, uma relação de livros com as respectivas datas de lançamento, os quais, segundo o autor, defendem inteiramente as teses de Roustaing. Notamos que a relação inicia no ano de 1882, indo primeiramente até o ano de 1949, ano de assinatura do “Pacto Áureo”, voltando a apresentar novos livros somente em 1981, chegando até o ano de 2002 (ANJOS, 2005: 213 – 217). Além desses livros, é possível ainda acrescentar outros imbuídos dos mesmos objetivos, publicados após o ano de 2002, especialmente no ano de 2005, quando se comemorou o bicentenário de nascimento de Roustaing.

Assim, podemos observar uma relação existente entre a assinatura do pacto, o período de grande silêncio e o retorno da FEB ao incentivo à leitura das teorias de Roustaing e a consequente edição de livros a favor e também, por que não, contra tais teorias. Não devemos esquecer que a relação não inclui artigos e livros que parcialmente apoiam as teses de Roustaing, somente aqueles que o fazem de modo integral.

Observamos, dessa forma, o uso político do silêncio pela FEB, usando-o em parte como uma tentativa de traduzi-lo em palavras, apropriando-se dele, organizando-o segundo os seus interesses, relegando a outra parte convenientemente ao silêncio. Durante a fase de consolidação definitiva do Espiritismo, após a assinatura do “Pacto Áureo” e o fim das perseguições policiais e jurídicas à sua prática, encontramos um longo período de silêncio, já mencionado, no qual a FEB ratificou a sua liderança perante o movimento, solidificando-se como o principal órgão de divulgação e controle do Espiritismo institucional no Brasil, evitando polêmicas a todo custo. Pensamos que após esse período, a FEB sentiu-se segura para mais uma vez romper o silêncio e explicitar o seu apoio ao roustainguismo, sem, contudo, polemizar sobre o assunto, não combatendo de forma ostensiva aqueles que não

¹⁵Luciano dos Anjos, profundo conhecedor da doutrina espírita e da história do espiritismo, já publicou mais de dez livros, em gêneros tão diversos como poesia, romance, filosofia, pesquisa científica e sobre o Espiritismo. Disponível em: <<http://www.lachatre.com.br/autores.php?autid=90>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

concordavam com o seu apoio a Roustaing, mantendo-se distante dos debates no interior do campo espírita, desenvolvidos por seus adeptos.

A obrigatoriedade do estudo do livro de Roustaing foi questionada no ano de 2004 quando da adequação do Estatuto da FEB ao Novo Código Civil (Lei nº 10.406/2002). Os integrantes da FEB contrários a esse estudo perceberam aí a oportunidade fazê-lo, assim, foi proposta a retirada dos estatutos dessa cláusula. No entanto Luciano dos Anjos impetrou liminar na Justiça do Estado do Rio de Janeiro impedindo a apreciação dessa proposta na Assembleia Geral da FEB, entre outras coisas, foi alegado pelo autor à questão tratar-se de “cláusula pétrea”. Segundo a mestra e professora de Direito das universidades UNIJUI e URI-Santo Ângelo (RS) Salete Oro Boff:

Por cláusula pétrea, entende-se o dispositivo que impõe a irremovibilidade de determinados preceitos. Esse sentido obtém-se a partir do significado de seus signos lingüísticos: “duro como pedra”. Na Constituição são as disposições insuscetíveis de ser abolidas por emenda, imodificáveis e não possíveis de mudança formal, constituindo o núcleo irreformável da Constituição, impossibilitando o legislador reformador de remover ou abolir determinadas matérias. Esses preceitos constitucionais possuem supremacia, paralisando a legislação que vier a contrariá-los (BOFF,2000:1).

Assim vimos como a questão que antes era encarada por grande parte dos integrantes do movimento espírita como uma pedra no caminho da unificação do Espiritismo Brasileiro transformar-se em “CLÁUSULA PÉTREA” e assim, marcar definitivamente a história do Espiritismo ficando colocada, rígida como uma pedra, ao lado dos livros produzidos por Allan Kardec.

Bibliografia

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti. Disponível em: < <http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/itemtemid=979>> Acesso em: 22/12/2006.

A Opinião de Dr. Bezerra de Menezes, depois de desencarnado, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos”. Disponível em: < <http://www.casarecupbenbm.org.br/museu5.htm>>. Acesso em: 22/12/2006.

ANJOS, Luciano dos. **Para entender Roustaing**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005.

ACQUARONE, Francisco. **Bezerra de Menezes**. São Paulo: Aliança, 2004.

BOFF, Salete Oro. A Federação como cláusula pétreia. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 5 (/revista/edicoes/2000), n. 46. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/100>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

Esclarecimento da Federação Espírita Brasileira ao Movimento Espírita. **Reformador**. Rio de Janeiro, n. 1994, p. 9, maio 1995.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

Homenagens ao Dr. Bezerra de Menezes. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat715.htm>>; Acesso em: 22/12/2006.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. 6º Ano . 1863. Araras: IDE, 2001.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. 9º Ano . 1866. Araras: IDE, 2001.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: EDUSC, 2004.

MARTINS, Jorge Damas. **História de Roustaing**. [s.n.t.] 1987.

MARTINS, Jorge Damas, BARROS, Stenio Monteiro. **Jean Baptiste Roustaing**: Apóstolo do Espiritismo. Rio de Janeiro: CRBBM, 2005. p. 399.

O Missionário da Fé. Disponível em: <http://www.grupodosoito.com.br/subpaginas/roustaing_mess.htm>. Acesso em: 22/10/2007.

PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne**: 2 análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires**: O apóstolo de Kardec. São Paulo: Paideia, 2001.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos**: Revelação da Revelação. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1918.

ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação**. v. 2. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

SANTOS, Carlos Gomes dos. **Páginas de Além Túmulo**. 3. ed. RJ: Rio de Janeiro, 1939.

SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995.

TOURINHO, Nazareno. **As tolices e pieguices da obra de Roustaing**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mundo pátria do evangelho**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

XAVIER, Francisco Cândido. **Vereda de Luz**. São Bernardo do Campo (SP): GEEM, 1990.

WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritos do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB. 1969.